

# *A história faz você*

//Paulo Henrique de Souza

MAI/AGO 2013 ■ 8

A história não se esconde nas páginas dos livros. Não é algo estanque, imutável. Ao contrário, ela está viva, passa bem e muda seus rumos a cada instante em função de fatos tornados possíveis por pessoas comuns, como eu, você e todos nós. Afinal, é gente como a gente que ajuda a acender o pavio de mudanças que, muitas vezes, caem na conta de heróis e anti-heróis que povoam as enciclopédias e, mais recentemente, a internet. Entender esse processo histórico é fundamental para nos ajudar a influenciar a nossa trajetória, de forma individual e coletiva, com a pretensão dos que querem saber qual será o porto de chegada, já que ainda não sabemos de onde partimos. É, a história está em nossas mãos. Afinal, ela se escreve com H de humanidade.





foto: Tomaz Silva ABr



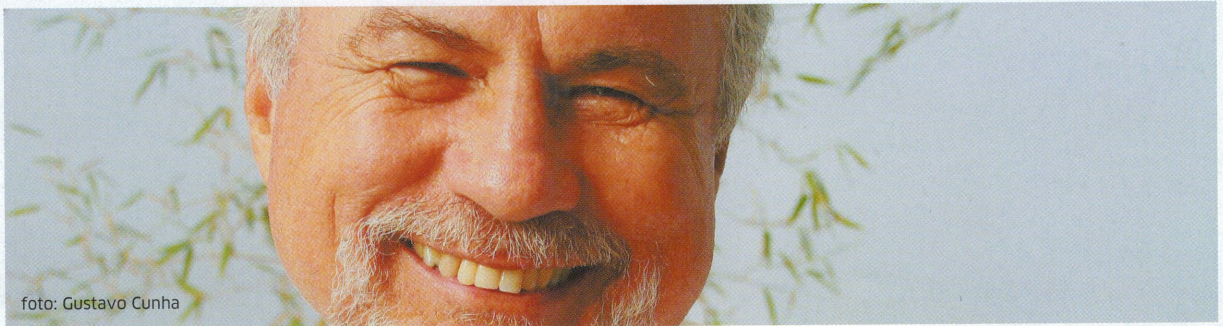


foto: Gustavo Cunha

**Jaime Pinsky** fala com paixão sobre história. E é difícil não se prender aos seus argumentos, perfilados com lógica e o brilho no olhar de quem acredita. Professor, com passagem pelas mais importantes universidades brasileiras, ele também já atuou nos Estados Unidos, México, Porto Rico, Cuba, França e Israel. A escrita também é outra paixão, o que explica seu envolvimento na criação de diferentes revistas e na produção de mais de duas dezenas de livros, como autor, co-autor ou organizador. O mais recente é *Por que gostamos de história?* (2013, Editora Contexto, R\$ 29,90), que foi o ponto de partida para uma conversa que dividimos com os leitores de Medicina CFM.

10  
MAI/AGO 2013

**A história é um campo de conhecimento fascinante. Qual sua melhor definição?**

História não é simplesmente aquilo que aconteceu com os seres humanos socialmente organizados, mas a forma pela qual nos apropriamos dos acontecimentos. Iluminamos o passado com a luz que emana do nosso tempo. Se não for assim seremos anacrônicos. Logo no início da minha carreira acadêmica, estava em Assis (no interior de São Paulo), submetendo estudantes ao vestibular oral de História. Ao perguntar a uma candidata o que a motivava a se candidatar ao curso ela me deu a resposta padrão: "porque eu adoro história". Muito bem! Até aí estamos de acordo, mas que história você ama? Há um período específico, um tema específico? "Sim", disse ela, "gosto da Idade Média, pois meu sonho sempre foi ser uma princesa medieval". Ai eu expliquei que a chance estatística dela ser uma princesa da Idade Média seria muito remota. A chance maior seria de ela ser uma camponesa, com mãos calejadas. Se fosse bonita, provavelmente, seria violentada pelos senhores. Se fosse feia, trabalharia muito, perdendo os dentes com vinte e poucos anos e morrendo com trinta e poucos. Não quis matar seu sonho de fazer História, quis foi mostrar que somos, todos nós, frutos do nosso tempo. Nós agimos historicamente, mas em uma realidade histórica concreta, não sonhada. Sendo assim, é muito difícil estabelecer uma das inúmeras definições clássicas de História.

Prefiro dizer que ela é um processo do qual nós participamos, somos agentes e pacientes.

**E por que gostamos tanto de história? Por que contamos tantas histórias?**

Darei três bons motivos. O primeiro: Temos uma curiosidade imensa de saber de onde viemos e para onde vamos. A religião até tentou dar essas respostas, com sucesso muito relativo. Diante disso, parece que as pessoas que desistiram de saber pra onde vamos, mas, por outro lado, estão cada vez mais ansiosas em estabelecer de onde viemos. Histórias de família, narrativas de origens nacionais, saga de imigrantes, histórias de povos que supostamente nos originaram e até de grupos pré-históricos são muito estudados atualmente. Indo atrás da História queremos, em última instância, compreender a nós mesmos. Segundo: Vamos também procurar na História povos e civilizações bem diferentes da nossa, talvez para ver como elas resolveram questões que nos afetam. Como eles resolviam seus conflitos, que deuses elaboravam, como criavam e educavam seus filhos, como se relacionavam homens e mulheres e por aí afora. Tem gente que ama estudar certas sociedades específicas - e não estou falando de especialistas. Terceiro: Quase todos nós tivemos, quando crianças, alguém que lhes contava histórias, um pai, uma mãe, um tio, um avô,



uma professora. Eram momentos especiais, guardados com muito carinho em nossa memória. Por exemplo, há poucos dias fui cuidar do meu neto número quatro, o Thales. De repente ele se vira e diz assim: “Vô conta a história da batata”. A história da batata é uma história surrealista que eu inventei. “Sonhei que um dia era uma batata”, começa assim. Conte pra ele faz uns dois meses e o moleque tem dois anos de idade. Tem um monte de gente contado histórias para ele, e ele lembrou que essa história era a história do vovô. Veja bem, há uma lembrança afetiva muito profunda nisso. Se gostamos de histórias na infância, por que não gostar de História na vida adulta?



*Fora do noticiário: “A mudança social causada pela pílula anticoncepcional foi tão grande, que, sem dúvida, é um fato histórico da mais alta relevância. Mas ela não foi noticiada, porque não foi percebida.”*



**Qual a diferença entre o fato histórico e o noticiário jornalístico?**

São coisas bastante distintas. O jornalista trabalha com o fato, ou seja, aquilo que pode dar repercussão e desperta interesse do leitor. Agora, nem sempre esse fato é relevante no ponto de vista histórico. Por exemplo, essas fofocas entre políticos: "fulano da base aliada é contra não sei o quê". Isso vira manchete, mas em uma semana já não terá importância nenhuma. Aquilo que foi dito, foi desdito e superado por fatos supervenientes. Já um fato histórico tem relevâncias histórica e humana, percebidas ao longo dos anos. Vou dar um exemplo. Quando a pílula anticoncepcional estava sendo desenvolvida, notícias a respeito dela não mereceram mais do que pequenas notas perdidas nas páginas internas dos jornais. Os destaques de primeira página (os fatos jornalísticos importantes) eram desastres de avião, brigas entre políticos, vitórias de um time de futebol sobre outro. Ora, o fato histórico importante, hoje sabemos, foi a descoberta da pílula anticoncepcional, que causou impacto profundo nas relações entre homens e mulheres, fazendo com que a mulher passasse a ter mais controle sobre seu corpo e seu prazer, o que alterou papéis sociais de modo radical. A mudança social causada pela pílula anticoncepcional foi tão grande, que, sem dúvida, é um fato histórico da mais alta relevância. Mas ela não foi noticiada jornalisticamente com a mesma relevância. Isto

não quer dizer que o jornalista tenha feito um mau trabalho, ele fez apenas o seu trabalho. Ele deu destaque aos fatos imediatos. Já o historiador trabalha com os grandes movimentos da história. O objeto de jornalistas e historiadores não é o mesmo, embora aparentem ser.

**No começo da nossa conversa o senhor falou sobre a aluna que queria ser princesa. Isso reflete a percepção de que a história se faz só pelos grandes personagens. Neste processo, o homem comum, que nunca vai entrar numa enciclopédia, tem seu lugar?** A história dos heróis, como é chamada, tem uma relevância indiscutível. Não podemos deixar de pensar em figuras como Júlio César ou Napoleão, para o bem ou para o mal. Essas figuras têm destaque, mas é importante entender também o contexto em que eles se movimentam. Veja-se o caso de Hitler. Como figura central do nazismo, ele conseguiu despertar no povo alemão uma noção de superioridade racial. Ora, se essa ideia de superioridade não existisse dentro da vida, dentro do dia a dia dos homens e das mulheres alemãs, ele não teria tido sucesso. Imaginar que o mais idiota dos loiros de olhos azuis podia ser intelectualmente superior a Einstein pelo fato de um, supostamente, ser da raça ariana (coisa que não existe) e outro ser judeu, é de uma idiotice suprema. Contudo, o povo alemão aceitou isso. Tanto é que as reações contra Hitler dentro da Alemanha foram muito pouco significativas. Para você entender a história, é importante estudar o herói, no caso o anti-herói (Hitler), mas é importante também estudar a estrutura que está por baixo, os valores de um determinado povo, sua organização social dentro de um determinado momento histórico. Os líderes só alcançam essa posição por responderem aos anseios da sociedade. Ou seja, se você tem 10 líderes potenciais, qual será aquele que vai dominar? Fatalmente aquele que representar melhor os anseios do conjunto com o qual pretende liderar. Desta forma, estudar líderes históricos pode ser uma forma de estudar povos. O que nem sempre acontece, já que biógrafos nem sempre sabem fazer essa relação líder/liderado e se perdem em detalhes insignificantes.

**A história permite prever o futuro?**

Costumo brincar dizendo que não só os bruxos e os economistas têm o direito de errar, os historiadores também. Nós temos um instrumental e uma memória histórica que, às vezes, outros profissionais não têm. Veja bem, a história não se repete, mas o processo histórico pode ser percebido. O historiador consegue fazer uma leitura larga da história, verificando esses movimentos. Então, não adivinhamos o futuro, mas percebemos as tendências sociais, econômicas etc. Isso não significa que acertaremos em indicar a ação que subirá na bolsa ou o time que ganhará o campeonato. Não se trata disso, mas de que os historiadores dispõem de instrumental que lhes permite perceber movimentos na História com mais acuidade.

Receita para ideias: "Se você tem 10 supostos líderes, qual que vai dominar? Será o que traduzir os anseios do coletivo." Hitler é um exemplo.



foto: withGod / Shutterstock.com



*Diretas Já:  
“No Brasil,  
houve poucos  
movimentos como  
esse. Algumas  
pessoas falaram  
em ruptura.  
Não! É oposto.  
Esse movimento  
é de tentativa  
de aproximação  
da nação com o  
Estado.”*

foto: Orlando Brito



**O senhor acredita no mau uso da história?**

Sem dúvida. Na história, necessariamente, você tem que ser perspectivista. Ou seja, você sai do momento em que está e olha a história a partir da ótica atual. Isso é importante porque a história é reescrita de forma contínua. Nas últimas décadas, com o movimento das mulheres, temos um desenvolvimento da história das mulheres, por exemplo. Então, se começa a ver a história sob uma ótica feminina. Com o desenvolvimento das relações sociais, no último século, a história passa a ser vista no ponto de vista dos oprimidos, não só dos opressores. Sem essas múltiplas percepções não se faz história, pois, nós, no século 21, não conseguimos ver a antiguidade como alguém do século 19 a olhava. Isso é perspectivismo. Outra coisa negativa é o presentismo, que ocorre quando se deseja utilizar o passado para provar algo do presente. Vamos usar Hitler novamente como exemplo. Baseado em “estudos”, ele inventou a raça ariana, que não existe, pinçou supostos povos arianos, sempre vencedores, sempre dominadores e utilizou a História para “provar” sua tese de superioridade racial. É um caso de mau uso da história, agora evidente. O historiador não pode fazer isso em hipótese alguma. Evidentemente, um médico que caminha rumo a um diagnóstico, mas constata lá pelas tantas que a conclusão

não bate com a realidade, tem que, humildemente, dizer “errei” e procurar outra saída. O mesmo vale para o historiador. Agora, se o objetivo é fazer o uso da história para provar algo, vai se provar que a raça ariana é superior; que a mulher é inferior; que a culpa é dos holandeses por nós não termos nos desenvolvido adequadamente, por que eles roubaram o Nordeste brasileiro; enfim, qualquer bobagem.

**Nas últimas décadas, alguns fatos marcaram a história do Brasil, como o impeachment de Collor ou o julgamento do Mensalão. O senhor acredita que eles influenciarão o futuro do país?**

Espero que sim. Já é mais do que hora de nação e Estado caminharem juntos. A nação tem, em diversas ocasiões (como as que você destaca), buscado se aproximar do Estado, exigindo que este a represente, mas a resistência tem sido grande. O grande problema do Brasil é que nós temos um “pecado original”. Em países tão diferentes como Estados Unidos, França, Alemanha, Israel, por motivos diferentes, havia uma nação que constituiu um Estado. Ou seja, onde há um povo com consciência de que tem uma identidade, você tem uma nação e é esta a base do Estado (que é a estrutura jurídico-política da nação). No Brasil, em 1822, aconteceu o contrário: foi criado um Estado sem que houvesse uma nação. Para se ter uma ideia, na época, nem a língua portuguesa era majoritária em nosso território, não havia uma consciência de unidade cultural ou uma reivindicação política comum. Então, como você pode ter uma nação assim? As pessoas não sabiam direito o que tinha acontecido. Sabiam que no lugar do rei agora estava o filho do rei. Foi criada uma estrutura jurídico-política, chamada de Estado, a qual, desde então, caminha em cima da nação, descolada dela e sem representá-la, mas com uma estrutura de poder tremenda.



**Mas essas estruturas de poder não vêm da nação?**

Não há dúvida de que no Brasil o poder vem do povo, mas ele não é para o povo. Aqui temos um fenômeno: quando o indivíduo chega ao poder, ele muda. É mais ou menos a história do motorista de ônibus. Ele acorda às quatro horas da manhã, caminha para a garagem onde fica o ônibus que vai conduzir (quase é atropelado no caminho por um filhinho de papai voltando da balada). Quando esse motorista finalmente pega seu ônibus para trabalhar, ele não respeita faixa de trânsito, vai em cima de todos os pedestres. Quer dizer, quando ele muda seu status ele muda seu papel. Aqui, nós somos assim, as pessoas quando ascendem às estruturas de poder, parecem que perdem suas referências anteriores. E elas dizem: "Agora estou aqui (no poder, do lado do Estado), não estou mais ali (junto à nação)".

**Como isso se expressa na atenção ao público, ao coletivo?**

Por exemplo, o americano diz: "Nós deveríamos sair do Afeganistão. Nós!". Aqui nenhum brasileiro afirma assim: "Nós deveríamos governar de uma forma diferente". A gente diz "eles", não "nós". Para nós, o poder são eles, está na terceira pessoa do plural e não na primeira pessoa do plural. Nós não reconhecemos o Estado como nosso representante. Esse é um problema fundamental que existe no país. Todos os movimentos recentes podem ser resumidos como uma tentativa de aproximação. Algumas pessoas falaram em ruptura. Não! É o oposto. Esse movimento é de tentativa de aproximação da nação com o Estado. Dizendo para o Estado: "Gente, vamos nos aproximar, vamos chegar juntos". No Brasil, houve poucos movimentos como esse. É o caso do "Fora Collor", do "Diretas Já". Talvez, o primeiro movimento tenha ocorrido, nos anos 1940, liderado pelos estudantes do Rio de Janeiro exigindo a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial após vários navios nossos terem sido torpedeados pelos nazistas.

**Por que essa busca de aproximação não se consolida como processo contínuo?**

Porque existem práticas arraigadas de uso da máquina do Estado por parte daqueles que deveriam estar no poder apenas para representar a nação. Práticas que implicam em "confundir" deliberadamente o público e o privado, de apropriação do coletivo pelo individual, de políticas de apadrinhamento, de chegar ao poder para tentar se perpetuar nele, de usar toda a estrutura do Estado contra e não a favor da nação (e nisso entra desde a repressão até os mecanismos jurídicos, passando pelas práticas condenáveis dos políticos). Essas são as práticas de ruptura, e elas existem por serem muito benéficas para "eles". Quer dizer, o indivíduo chega ao Estado e resolve seus problemas. Ele se permite embarcar toda a família em um avião da FAB (que não tem aeronaves para fiscalizar fronteiras), a nossa presidente vai à Roma e, em lugar de ficar na nossa belíssima embaixada, em Roma, aluga quase um hotel inteiro para sua comitiva. É inconcebível em um país pobre como o nosso esse tipo de exibicionismo. Parece que somos marajás ou emires do petróleo, alguma coisa do gênero. Esse tipo de comportamento é que impede à nação de se aproximar

do Estado. Com base nas manifestações recentes, deste ano, acho que não teremos um fluxo contínuo de reaproximação, mas outros momentos de reaproximação. Penso que o Estado (quando digo isso me refiro ao Legislativo, Executivo e Judiciário) começa a entender que esse distanciamento é muito perigoso e pode causar uma convulsão social bastante importante.

**O senhor afirma que exibe certa parcialidade ao falar do Brasil por acreditar que o país poderia estar muito melhor do que estamos hoje. Isso pode acabar algum dia?**

Acho que o Brasil pode chegar longe, mas para tanto é fundamental que ocorra essa reaproximação da qual falamos. Sem ela, continuaremos do mesmo jeito. Como, agora, o processo histórico é mais acelerado corremos um perigo enorme de perder o bonde da história. Para tanto, os próximos dez anos serão fundamentais para que as pessoas responsáveis pelo Estado (atuais e futuras) entendam a mensagem da sociedade e demonstrem disposição de perder um pouco das suas vantagens (materiais ou simbólicas).

**No início de nossa entrevista, pedimos ao senhor um conceito de história. Para terminar, pedimos outro e uma previsão: professor, o que é cidadania e um dia teremos cidadania plena?**

A cidadania é um conceito que tem historicidade. Você é cidadão quando tem plenitude de direitos civis, sociais e políticos. Quer dizer, ter o direito de votar não é o suficiente. Se você passa fome, vota naquele que te dá comida. Se você fica viciado em receber esmola do Estado em troca do seu voto, você se desinteressa em participar de forma cidadã. Tudo isso compromete a democracia. As eleições acabam, de fato, não sendo realmente livres, embora formalmente sejam. E o pressuposto básico da cidadania é a liberdade. A cidadania prevê também uma relação totalmente diferente daquela existente no Brasil. Eu insisto nisso: as chamadas autoridades ainda vêm o povo como súditos, não como cidadãos. É um olhar ainda de Dom João VI, de Dom Pedro I. Não é um olhar democrático, do século 21. Por outro lado, não se pode ser exigente demais: os fatos históricos mostram que só em 1945 o país começou a ter alguma democracia real. Esse período democrático seguiu até 1964, foi interrompido pelos governos militares e só foi retomado em 1985. Se você somar aqueles 19 anos com o tempo de 1985 até agora, teremos menos de 50 anos de democracia formal. Então, apesar de tudo, pode se dizer que estamos melhorando. Quer dizer, o povo se manifesta muito pouco, mas penso que se manifestará mais, o que é uma variável para ser levada em consideração. Assim, o aperfeiçoamento da cidadania, no Brasil, depende dos avanços da nação ("nós") e da percepção que a estrutura jurídico-política ("eles") terá disso. Se ela não tiver esse entendimento, corremos o risco de enfrentar movimentos extremamente perigosos, que poderão romper nosso tênue tecido social. Com respeito à previsão, digo que a perfeição é uma meta inalcançável, assim, nunca teremos cidadania plena. Não consigo imaginar uma sociedade com essa característica. Mas, então, o que é preciso fazer? Lutar para que essa distância entre "nós" e "eles", hoje em dia macrométrica, seja milimétrica. ■





foto: Orlando Brito

---  
**A história em construção:** Acima, a derrota da emenda pró-diretas Dante de Oliveira (1984), militares perfilados e silêncio imposto pelas tropas sob o comando do general Newton Cruz até a luta pela redemocratização se refazer. Abaixo, em junho de 2013, manifestantes sobem no teto no Congresso Nacional em protesto contra gastos na Copa, corrupção e por melhorias no transporte público, na saúde e na educação.



foto: Fábio Rodrigues Pozzebom ABR